

Literatura e Televisão

Então, chegamos ao cinema, televisão e internet, que registram imagens e permitem sua reprodução facilmente.

Nosso trabalho se preocupa em caracterizar obra televisiva de Dias Gomes como um dos grandes exemplos de literatura produzida para a televisão. Walter Benjamin afirma que a narrativa “é uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN: 1996, 205), e que o fim do trabalho artesanal levará ao fim da narrativa. Benjamin viveu nos primórdios do cinema, analisando-o com o rigor costumeiro, mostrando que, “com a representação do homem pelo aparelho, a auto-alienação humana encontrou uma aplicação altamente criadora” (BENJAMIN: 1996, 180). Da leitura de Benjamin, chega-se à ilação de que cada modo de produção produzirá sua forma de expressão artística. O texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* não deixa de ser uma louvação à obra de arte na sociedade industrial, ainda que aponte as mudanças inevitáveis. Desta forma, podemos dizer que a literatura eletrônica, usando diálogos, imagens, sons, movimentos, cenários, é a adequada expressão do modo de produção capitalista atual, baseado essencialmente em alta tecnologia (“*high tech*”) e no grande capital.

Como já sugerimos, mesmo que vivamos no tempo da imagem, há ainda muita resistência intelectual em admitir a produção de literatura na televisão. Nisso, não haveria novidade, pois o próprio Benjamin escreve que o surgimento do romance impresso, democratizando a literatura no início da modernidade também recebeu críticas dos saudosistas da época que suspiravam pela oralidade que então recebia um golpe de morte. Nosso entendimento é que há literatura em telenovelas, ou pelo menos, que pode haver, dependendo do texto e do autor. A telenovela seria apenas a forma atual de se produzir literatura, assim como o faziam Ésquilo ou Aristófanes na Grécia Antiga, Virgílio, no Império Romano e Dante, na Idade Média, escrevendo seus textos com pena de ganso. Nas novelas escritas por Dias Gomes há literatura de alta qualidade, onde as imagens, os

cenários, o som, a música, complementam o texto literário, como ocorria na tragédia grega ou no teatro de Shakespeare.

No fundo, a discussão sobre televisão e literatura tende a acabar no conceito de comunidade literária brilhantemente sugerida por Fischer, de que literatura é tudo aquilo que uma determinada comunidade entende como tal. Então, haverá literatura na televisão se a comunidade literária assim o entender.

Por isso, torna-se importante falarmos, ainda que perfunctoriamente, sobre correntes literárias.

Começando com Platão e Aristóteles, passando por Horácio da Roma Imperial, as teorias sobre literatura são abundantes. Entretanto, são nos tempos pós-modernos da contemporaneidade que as escolas literárias crescerão exponencialmente. Coerente com os tempos multifacetados, a teoria da literatura vai se encher de escolas, correntes, linhas de pensamento, que se subdividem, se complementam ou se antagonizam o tempo todo. Heidrun Olinto, in *Novos Acentos sobre Estudos de Literatura*, citando Roberts, 1990, vai mostrar que a diversidade dos anos 90 na teoria da literatura é enorme:

Uma das edições recentes do anuário da *Modern Language Association*, que publica regularmente relatórios das atividades dos profissionais que, de algum modo militam no campo dos estudos literários, assinala, em cinco volumes, espantosos 2716 itens diferentes distribuídos entre notas, edições, artigos, coletâneas, monografias e livros, reconhecendo, em ordem alfabética, a vigência das seguintes teorias da literatura: estruturalista, feminista, filosófica, hermenêutica, lingüística, marxista, narrativista, neo-historicista, pós-estruturalista, pós-moderna, pragmática, psicanalista, psicológica, reader-response criticism, recepcional, retórica, semiótica e sociológica. (OLINTO: 1993, 8).

Inerentes às correntes literárias, há de se perguntar: qual a finalidade da literatura? Qual a função da literatura? Essa pergunta tem sido feita ao longo dos séculos com as mais variadas respostas, dependendo da escola literária a que o estudioso estiver filiado. Entretanto, todas as respostas poderão ser enquadradas em duas teorias fundamentais e opostas, a teoria formal e a teoria moral. Segundo a teoria formal, a literatura tem autonomia, sendo regido por normas e objetivos próprios; literatura é forma. Literatura existe pela forma que tem e não por ter uma função. Segundo a teoria moral a literatura deve se pautar por um aspecto moral,

político, social, onde a ética deve sobressair acima de tudo; literatura deve ser edificante. Segundo Vitor Manuel de Aguiar Silva:

Os partidários da concepção formal da literatura são logicamente conduzidos a insistir no que é a obra literária, apresentando-a como um artefato verbal, como uma específica organização da linguagem; os partidários da teoria moral ocupam-se antes de tudo com aquilo para que serve a obra literária. (AGUIAR SILVA: 1983, 119).

Como é sabido, Platão já se preocupava em atribuir à poesia obrigações morais, sob pena de se excluir o poeta da polis, da cidade ideal. Aristóteles, por sua vez, se ateve mais nos aspectos da poesia como representação do que com seu caráter moral ou pedagógico. Entretanto, foi o filósofo alemão Kant, na obra *Crítica ao Juízo*, publicada em 1790, que atribuiu de forma definitiva autonomia à arte. Segundo Kant, citado por Aguiar Silva, “o sentimento estético é alheio ao interesse de ordem prática, o que já não acontece com o agradável, pois este anda sempre aliado ao interesse”. Kant defendeu a arte das intromissões moralistas, hedonísticas e emocionalistas e dos preconceitos intelectualistas.

Muitos outros importantes pensadores e escritores deram decisivas contribuições para que a arte em geral e a literatura em particular tivessem reconhecidas sua autonomia: Goethe, Schelling, Hegel, Baudelaire, Edgar Allan Poe, Pater, Théophile Gautier, Oscar Wilde,

Também muito já se discutiu a literatura como um instrumento para o conhecimento, sendo o filósofo grego Platão um dos primeiros a fazê-lo, concluindo que a literatura por ser uma imitação da imitação não poderia ser um processo revelador da verdade. Já Aristóteles, por considerar que a poesia conta de preferência o geral enquanto a história conta o particular, considera a poesia mais importante do que a história. Aristóteles entende que a poesia pode ser um meio adequado para se encontrar a verdade. Somente bem mais recentemente, no Romantismo e na época contemporânea, os estudiosos voltaram ao debate da literatura como forma de se obter conhecimento.

Entretanto, para alguns estudiosos e estetas, literatura e conhecimento não se confundem, não sendo a primeira caminho para o segundo; literatura não é filosofia; literatura não é uma forma de se obter conhecimento; literatura é

simplesmente autônoma, independente, com seus valores próprios. Conforme entende ainda o mesmo Vitor Manuel de Aguiar Silva:

Através dos tempos, a literatura tem sido o mais fecundo instrumento de análise e de compreensão do homem e das suas relações com o mundo. Sófocles, Shakespeare, Cervantes, Rousseau, Dostoievski, Kafka, etc, representam novos modos de compreender o homem e a vida e revelam verdades humanas que antes deles se desconheciam ou eram apenas pressentidas. (AGUIAR SILVA: 1983, 12).

A visão de literatura como deleite ou como instrumento de conhecimento, antiga como a própria literatura, vai ter dois importantes desdobramentos no mundo pós-moderno: a literatura comprometida (engajada) e a cultura de massas. Literatura engajada é aquela que pretende que a literatura promova uma revolução na mentalidade das pessoas de tal forma que esta mudança tornará obrigatória a revolução socialista nos meios de produção. Cultura de massas é aquela produção cultural e principalmente literária caracterizada por edições de grande tiragem, onde a quantidade de livros editados supera qualquer qualificação artística.

A literatura comprometida é aquela com viés marxista que entende que a literatura tem a obrigação moral de conscientizar as massas oprimidas, dando-lhes uma visão de mundo não-alienada, de tal forma que derrubarão as classes capitalistas hegemônicas e implantarão a utopia de uma sociedade sem classes. Jean-Paul Sartre, baseado em tópicos da filosofia de Heidegger, será o grande teórico da literatura comprometida ou engajada, que buscará denunciar as mazelas da selvagem exploração capitalista do homem pelo homem. Diz Vitor Manuel de Aguiar Silva sobre a proposta sartreana:

Se o escrever e o ler são correlativos dialéticos do mesmo fenômeno, é necessário que a situação assumida pelo autor não seja alheia ao leitor e que as paixões, as esperanças e os temores, os hábitos de sensibilidade e de imaginação, etc, presentes na obra literária, sejam comuns ao autor e leitor: “é este mundo bem conhecido que o autor anima e penetra com sua liberdade, é a partir dele que o leitor deve operar a sua libertação concreta: ele é a alienação, a situação, a história, é ele que devo retomar e assumir, é ele que devo modificar ou conservar para mim ou para os outros. (AGUIAR SILVA: 1983, 125).

Para os adeptos da literatura engajada, toda obra literária que não se propõe a combater a alienação do mundo capitalista não pode ser considerada verdadeiramente literatura, devendo ser vista como simples literatura de deleite,

de consumo ou de entretenimento. Nessa mesma linha surgiu o *realismo socialista*, que pode ser definido de uma maneira simplificada, como a estética do partido comunista que, em 1917, tomou o poder na antiga União Soviética, hoje novamente Rússia, e que passou a ditar normas na literatura do mundo socialista especificamente e na produção literária dos autores ditos engajados no mundo todo.

Como é fácil supor, muitas obras de escassa ou nenhuma qualidade literária foram incensadas tão somente por glorificar a revolução proletária assim como muitas obras de autores ditos de direita, alienados, foram massacradas por formadores de opinião comprometidos com a literatura engajadas.

Como é fácil supor também, de acordo com tal visão dita engajada, a obra mediática para ser considerada literária deveria combater a alienação das massas e não entretê-las, disso decorrente a maior parte da carga negativa que a *intelligenztia* dedica à televisão.

A morte de Stalin em 1953 e as denúncias dos seus desmandos, dos seus milhares de assassinatos supostamente em nome da causa proletária, foram elementos comprometedores da literatura como salvadora do mundo. A queda do muro de Berlim em 1989, significando o desmoronamento do mundo soviético e o fim da utopia socialista, fizeram com a teoria da literatura comprometida fosse vista como nunca devia ter deixado de ser, qual seja, uma das duas formas de visão de literatura, nem pior nem melhor do que a outra. Mais uma vez Vitor Manuel de Aguiar Silva sintetiza a questão:

Os partidários da concepção formal da literatura são logicamente conduzidos a insistir no que é a obra literária, apresentando-a como um artefato verbal, como uma específica organização da linguagem; os partidários da teoria moral ocupam-se antes de tudo para que serve a obra literária. (AGUIAR SILVA: 1983, 139).

Roman Jakobson, ainda em 1919, sugere que texto literário é aquele que tem “*literariedade*”, resolvendo um problema e criando outro, qual seja, definir o que seja “*literariedade*”: “... o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária.” (SCHNAIDERMAN: 1971, 9) Evidentemente, não há consenso quanto ao que seja “*literariedade*”, continuando haver infindáveis discussões. Entrementes, há de valer sempre para a literatura aquilo que Harold Bloom exige para a literatura

canônica: "... a força poética, que se constitui basicamente de um amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante." (BLOOM: 2001, 36).

Em nosso entendimento, os textos de Dias Gomes escritos para a televisão possuem essa literariedade, que pode, então, ser caracterizada, de uma forma genérica, como o texto que tem beleza, poesia, ritmo, plasticidade, que foi trabalhado pelo autor para dizer aquilo que queria de uma maneira diferenciada, poética. Ou, falando de outro modo, que tenha força poética, domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, dicção exuberante. As novelas televisivas de Dias Gomes têm isso tudo, de *Saramandaia*, passando por *O Bem-Amado*, e culminando em *Roque Santeiro*. Quando enfatizamos que os textos televisivos de autor estudado são literários é para ressaltar a literariedade de sua obra na televisão, pois suas peças teatrais são consideradas pela crítica como obras literárias sem contestação.

Uma das conseqüências da alienação do homem na sociedade capitalista industrial advinda da divisão social do trabalho, é a decadência da experiência prazerosa da arte, antecipado por Schiller em 1793 e retomada por Marx e Engels, in *A Ideologia Alemã*, de 1845, quando afirma que "o prazer foi separado do trabalho" e que "o Estado e a igreja, as leis e os costumes agora se dissociam".

Pois Dias Gomes vai combater tenazmente essa dissociação entre prazer e arte, seja para o produtor, seja para o receptor, fazendo dos seus textos, tanto os teatrais como os televisivos uma fonte de encantamento e prazer, em todos colocando uma generosa dose de riso, tornando a leitura ou a peça ou a novela uma experiência agradável, que gostaríamos de prolongar indefinidamente. Ao mesmo tempo, Dias Gomes será também um autor politicamente engajado, colocando em seus textos preocupações sociais e políticas, dando voz aos que não a possuíam.

Schmidt, um dos grandes nomes da ciência empírica da literatura, vai dar uma importante contribuição ao propor a que os estudos de literatura deverão incluir a mídia (OLINTO: 1993, 34), trazendo à discussão que os instrumentos da indústria cultural, entre os quais, televisão e cinema, deixem de ser tratadas como inexistentes, já que sua influência no mundo pós-moderno tornou-se gritante.

A partir dos anos 1970, um caloroso debate acontece nos meios acadêmicos sobre a influência da televisão no mundo pós-moderno globalizado e

especialmente sobre seus efeitos sobre as massas. Como é característico dos tempos pós-modernos, pleno de incertezas e divergências, também muito se discutiu se os produtos televisivos, especialmente as telenovelas e as minisséries, são literatura ou simples produto industrial de entretenimento. O cinema, bem mais antigo do que a televisão, pois começou nos primeiros anos do século XX, também passou por tal discussão, e a superou, sendo hoje reconhecido como a sétima arte.